TIRAR LEITE ENTRE CRIADORES DE GADO NA PARAÍBA: UM CAMPO DE HABILIDADES (HUMANA E ANIMAL) PARA RETER OU ESVAZIAR O ÚBERE[1]

JOELMA BATISTA DO NASCIMENTO [2]
UFSC, BRASIL
https://orcid.org/0000-0003-2957-0210

RESUMO: *O artigo retrata, a partir de uma abordagem etnográfica entre criadores de vacas leiteiras na Paraíba, as habilidades (humana e animal) que se tecem pela técnica de tirar leite. A dimensão relacional (e afetiva) entre criador-vaca-bezerro aparece como elemento central para o desenvolvimento da ordenha, descida ou extração do leite. Reter e/ou esvaziar o úbere da vaca fundamenta a habilidade do criador. Cada uma dessas ações passa pelas emoções e afetos dos animais. É nesta composição que o criador desenvolverá um campo de atenção às ações das vacas por uma memória-afetiva individual da personalidade e temperamento de cada animal e uma relação de confiança pelo sentir junto. A percepção sensorial do sentir faz menção à capacidade de (vaca e criador) reconhecer e ser reconhecido pelas emoções que dissipa por meio dos movimentos corporais, olhares, toques, fala e mugidos. A aprendizagem do ordenhador, portanto, não consiste apenas na aquisição de conhecimentos em torno do gesto que provoca a descida do leite. Ele precisa desenvolver uma relação de confiança com a vaca, um autocontrole de suas próprias emoções, uma percepção corporal que se ajuste rapidamente aos movimentos dos animais.*

PALAVRAS-CHAVE: *Habilidades; ordenha; relação humana-animal.*

ABSTRACT: *The article portrays, from an ethnographic approach among dairy cow breeders in Paraíba, the skills (human and animal) that are woven by the technique of milking. The relational (and affective) dimension between breeder-cow-calf appears as a central element for the development of milking, milk letdown or extraction. Holding back and/or emptying the cow's udder is the foundation of the breeder's skill. Each of these actions goes through the emotions and affections of the animals. It is in this composition that the breeder will develop a field of attention to the cows' actions through an individual affective memory of the personality and temperament of each animal, and a relationship of trust through feeling together. The sensory perception of feeling mentions the skill (cow and breeder) to recognize and be recognized by the emotions that it dissipates through body movements, looks, touches, speech and mooing. The milker's learning, therefore, does not consist only in acquiring knowledge about the gesture that causes the milk to*

[1] Assim como as habilidades e conhecimentos dos criadores que vão se constituindo gradativamente e junto aos relacionamentos sociais, políticos, econômicos e relacionais com os animais, este trabalho, a sua existência, está interligado a negociações, aprendizagens, afetos e etapas de amadurecimento que passam pela pesquisa, leituras, revisões, sugestões e experiências pessoais. Sou grata a minha família, aos criadores, às mulheres, às vacas e bezerros, às instituições UFPB e UFSC, às parcerias de orientação, Fabio Mura e Jeremy Deturche, aos amigos Emannuela Santana, Stela Rosa, Julia Faraco e Alberto Andrade, e, especialmente, aos dois pareceristas anônimos. Todas as reflexões que faço foram tecidas por cada uma dessas relações.

[2] Doutora em Antropologia pela UFSC, pesquisadora do Coletivo de Estudos em Ambientes, Percepções e Práticas (CANOA/UFSC). E-mail: batistajoelma10@yahoo.com.br

let down, he needs to develop a relationship of trust with the cow, a self-control of his own emotions, a body perception that quickly adjusts to the movements of the animals.

KEYWORDS: *Skills, milking, human-animal relationship.*

Introdução

> *A antropóloga Deborah Rose, especialista nos aborígenes do norte da Austrália, escreve, num livro dedicado aos cães selvagens, que o amor em tempos de extinção nos obriga a colocar outras questões, a encontrar outras histórias, a criar outros laços. Creio que é o que está acontecendo aqui e acolá, em nossa relação com os animais. Nossa história com eles está mudando, e as histórias que contamos sobre eles, as histórias que recolhemos observando-os, escutando-os e aprendendo a lhes responder, também estão mudando.*
>
> Vinciane Despret, 2016.

Assim como Evans-Pritchard [1940] (1999), em que falar do gado se tornou uma obrigatoriedade de campo para aprender sobre a organização social e política dos Nuer, em minha pesquisa foi recorrente ouvir sobre as escolhas técnicas pelas ações dos animais e aspectos emocionais.

Toda a minha trajetória, da graduação ao doutorado, esteve relacionada à criação de animais na área rural. Cada um desses estágios teve recortes e rupturas que me possibilitaram pensar a domesticação por "relações amistosas" (Haudricourt [1962], 2013). Relações estas em que a ação humana é uma ação que se constitui junto a aspectos fisiológicos, psicológicas (temperamentos e personalidades), sociais e emocionais dos animais.

Estes aspectos são fundamentais para desenvolver qualquer atividade com a criação e produção agrícola, atividades centrais no espaço rural. O fim e retorno da criação de galinhas em áreas rurais de Remígio, agreste paraibano, evidencia como a divisão espacial – roça e criação – é ordenada também pela ação dos animais.

O término da criação se deu pelos animais serem criados soltos no terreiro (em torno da casa), e o roçado está localizado a poucos metros de distância da residência. Durante o inverno recorrentemente as galinhas predavam os brotos quando começavam a germinar. Como a produção agrícola tinha um papel fundamental para a economia doméstica, as mulheres decidiram interromper sua criação, retornando essa atividade após a política dos Fundos Rotativos Solidários (FRS).

Uma política via Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Remígio pela parceria de projetos com ONGs internacionais, direcionando recursos para compra de materiais voltados à construção de um galinheiro. E com isso, as galinhas ficariam reclusas neste ambiente durante o inverno. Com a técnica, a ação de predação desses animais diminuiu. Contudo, não deixou de existir. As galinhas desenvolveram novas habilidades para chegar ao roçado, rasgando a tela e escavando a terra para passar por baixo do galinheiro.

Quando fiz minha pesquisa de mestrado, as descrições das habilidades dos animais se tornaram ainda mais recorrentes, desta vez, não somente pelo campo de expertise para se alimentarem, mas para que a lida cotidiana se tornasse fluída.

Essas narrativas ganharam maior notoriedade quando fiz minha pesquisa de doutorado, nos anos 2017 e 2018, e passei a conviver diariamente com o gado para aprender sobre as técnicas de criação. Aprendi e defendi pela minha categoria técnica-afetiva que as ações e aspectos emocionais dos animais são fatores constituintes das técnicas. Este artigo é uma narrativa de como a relação de confiança e a dimensão emocional são cruciais para a técnica de *tirar leite* – ordenha manual.

Confiar está relacionado ao campo de ação e percepção, interligado à dimensão emocional, que criadores e animais desenvolvem ao conviverem diariamente, e aos processos de aprendizagens e habilidades geradas com o uso das cordas e manipulação das *tetas.*

A pesquisa foi realizada com criadores de gado em Piancó, uma cidade geograficamente definida pelas classificações sertão e interior da Paraíba. Criador é um termo utilizado pelos sujeitos de pesquisa e se distingue em critérios socioeconômicos de pecuaristas que fazem parte do agronegócio brasileiro, pois sua produtividade é realizada em pequena escala. A sua produção, agrícola e criatória, aparece em censos agropecuários pela categoria agricultores familiares.

Os conceitos sertão e interior fazem referência ao distanciamento espacial ao litoral, especificamente, à capital João Pessoa, e, às distinções climáticas e socioeconômicas. O sertão é historicamente a região voltada à criação de gado, sobretudo, para corte. Contudo, com a instalação de um mercado lácteo, a pecuária leiteira tem ganhado novas configurações.

Em Piancó, o acesso ao mercado lácteo deu-se por meio da criação da Associação dos Produtores de Leite de Piancó em 2004. APROLP foi criada para escoamento do leite via política pública do governo estadual. Como a política não absorvia toda a produção dos criadores, a associação passou a manter contato e vender uma parcela do leite para uma empresa de laticínio. Com o término da contratação dessa política, os produtores passaram a escoar seu produto exclusivamente para uma empresa láctea. Vínculo comercial que permanece até hoje.

O contexto socioeconômico de Piancó em relação à cadeia láctea é bastante restrito e dependente de uma única empresa. O mercado local, com uma população de 16.147 habitantes (IBGE), duas fábricas artesanais, uma de queijos, outra, de queijos e doces, absorve muito pouco dessa produção. A maior percentagem está na compra efetuada pela empresa de laticínio Isis. Alguns criadores comercializam seu leite diretamente com os consumidores urbanos ou repassam-no para comerciantes que vendem os produtos *porta a porta* (nas residências) ou no comércio local. Outros preferem utilizar o leite para produzir queijos, seguindo a mesma lógica comercial já mencionada.

Feitas tais observações, sobre como a criação de gado se tece junto a um panorama político, econômico e social, passemos ao recorte deste artigo, a relação cotidiana entre criadores e vacas leiteiras. Estruturo o texto em três sessões. Na primeira, apresento como a ordenha tem sido

descrita, por trabalhos com abordagens etnográficas, tanto pela ação humana, quanto animal. A dimensão relacional e o vínculo instituído entre vaca-criador e as habilidades das vacas a partir da interação com os equipamentos de ordenha são apontados como fundamentais para o desenvolvimento do trabalho e descida do leite.

Na segunda sessão, argumento que a habilidade do criador, seu campo de atenção, vai se constituindo junto à habilidade da(s) vaca(s) e bezerro(s) pelos processos perceptivos (sensorial, visual e sonoro) e emocionais ocasionados com o uso da corda e pelo desejo de amamentar e ser amamentado.

Na última sessão, eu especifico, de forma mais detalhada, como esse campo de atenção é instituída por uma relação de confiança pelo sentir junto. Uma dimensão perceptiva sensorial (humana e animal) que coloca em cheque os limites da aprendizagem, tanto em termos de habituação à dinâmica do trabalho, quanto dos conhecimentos e vínculos que se constituem junto à técnica de *tirar leite*.

Por fim, gostaria de ressaltar uma questão. Aprendi com os criadores, tal como menciona Evans-Pritchard [1940] (1999) e Jeremy Deturche (2020), que o criador desenvolve relações específicas com cada animal de seu rebanho. Que ele conhece intimamente seus hábitos, comportamentos e emoções. Com base nesse entendimento, contudo, reconhecendo limites em construir uma narrativa por um quadro de ações individualizantes, eu decidi fazer descrições ao longo do texto com o uso de parênteses para falar do(s) criador(es), vaca(s) e bezerro(s). Também decidi nomear os animais, tal como vaca-folha-manga e vaca-marrom, e, igualmente, categorizar o termo memória-afetiva com o uso de hífen.

Nomear os animais não é uma prática que se estende a todos os criadores de gado de Piancó. Nas três localidades que pesquisei, Sítio Junco de Cima, Sítio Santa Cruz e Sítio Palha Amarela, apenas na segunda, a nomeação é unânime entre os criadores locais. Para minha surpresa, não é a nomeação que torna a relação entre criador e animal individualizante. Enquanto na lida diária é possível utilizar o termo vaca a todo e qualquer animal do rebanho e se comunicar de forma individual através de sons e gestos corporais – falando, olhando para ela –, na escrita isso se torna mais difícil. Com o uso do hífen eu busco preservar esse modo de classificação dos criadores, que fazem uso dos aspectos físicos dos animais não para adjetivá-los, mas para se comunicar com outros membros da família quando mobilizam os animais [ex: deixa a vaca-mocha (sem chifres) passar]. Igualmente, o conhecimento que se adquire do comportamento e emoções dos animais é parte constitutiva da própria cognição dos criadores.

Ordenha: por que falar da relação humana-animal?

Em um artigo sobre técnicas de ordenha mecanizada entre criadores de vacas leiteiras na França e Suiça, Jeremy Deturche (2020) descreve a ordenha pelo processo relacional entre vaca-criador mediado por objetos técnicos (equipamentos utilizados para extração do leite). O

autor toma como base conceitual, seguindo a proposta de antropologia da ação de Carole Ferret (2016), uma descrição das ações (humana e animal) para definir em que consistiria a domesticação nesse contexto. A produção e extração do leite não são vistas como uma ação unilateral e de controle do criador, mas pela participação ativa das vacas para facilitar ou possibilitar o "fazer leite", criando vínculo e estabelecendo uma relação afetiva.

Ao longo da narrativa de Deturche (2020) iremos perceber que o uso do verbo "fazer" (uma definição dos criadores) evidencia que a produção e extração do leite é, ao mesmo tempo, um aspecto biológico e relacional, em que as vacas "dão" leite. Dar se refere à capacidade de retenção de leite residual e liberação do leite pelas relações afetivas e de confiança estabelecidas com o criador. Relações estas que também se constroem junto aos equipamentos de ordenha. É a essa dimensão relacional, vaca-criador-objeto-técnico, que o autor atribui eficácia para descida do leite, na qual, habilidades humanas e habilidades animais se desenvolvem.

Por outra perspectiva, mas que se alinha a de Deturche (2020), por pensar a ordenha pelas ações e relacionamento entre criadores e vacas, mediado por objetos técnicos, Jocelyne Porcher e Tiphaine Schmitt (2010) criticam a ausência de estudos na sociologia rural que incorporem os animais na categoria trabalho. Partindo dessa prerrogativa, elas questionam se as ações das vacas leiteiras para a ordenha podem ser pensadas como colaborativas ou de um trabalhador, já que estabelecem um plano de ações que permite o desenvolvimento do trabalho. Seguindo neste segmento, elas descrevem e demonstram como as ações das vacas, a relação com o criador e as habilidades que elas desenvolvem reconhecendo o funcionamento dos equipamentos de ordenha, burlam as regras impostas pelo criador e/ou possibilitam um fluxo contínuo do trabalho.

Carole Ferret (2016:11), ao participar de um colóquio de temática "Seres vivos e artefatos", em tom de provocação, questiona se podemos pensar os animais de criação enquanto "ferramentas vivas". Pensá-los deste modo é colocar em ponderação que a ação humana é uma ação que se desenvolve também pelo campo de ações dos próprios animais. É com base nesse pressuposto, da ação dos seres vivos na ação, que a autora define a ação como manipulação e constrói um quadro conceitual de sua abordagem por uma antropologia da ação, um fazer-fazer em que a ação humana consiste em fazer o outro fazer.

As discussões conceituais feitas por Deturche (2020), Carole Ferret (2016), Jocelyne Porcher e Tiphaine Schmitt (2010), colocando em questão como os processos domesticatórios e, consequentemente, as técnicas empregadas, são constituídos junto às ações e vínculos emocionais dos/com os animais, estão longe de instituir um agenciamento animal com o objetivo de situar criadores e animais numa relação simétrica. Os autores são categóricos ao afirmarem que os humanos conduzem o processo. Contudo, a eficácia e o objetivo definidos só podem ser atingidos com a ação do sujeito manipulado.

Falar em confiança como componente central para o desenvolvimento do trabalho não é diluir ou tampouco negar a existência de princípios de dominação. Como descreve Javier Taks (2021), confiança e dominação são dois princípios que regem as relações de trabalho na atividade leiteira Uruguaia.

Em meu trabalho, com criadores de gado na Paraíba, a confiança, que também é constituída por tensões, é crucial para qualquer prática de mobilização ou contato físico com os animais. Na ordenha manual a confiança está interligada a um campo de percepção e à ação humana e animal pelo sentir junto.

Enquanto na ordenha mecanizada a extração do leite é feita por equipamentos específicos, na ordenha manual são as mãos que executam esse trabalho. Rosa et al. (2009) indica que esse processo manual exige do ordenhador maior esforço. Provavelmente esse adjetivo faz referência à posição corporal, ação motora da mão e o tempo de execução da ação para extração do leite.

Di Deus (2017), em seu trabalho etnográfico de seringueiras, nos conduz por uma série de conhecimentos sociotécnicos e processos perceptivos (sentir e ouvir) envolvidos no uso de uma faca manual, em que a mão funciona propriamente como uma ferramenta tendo como motor o sistema osteomuscular humano.

Na ordenha manual a ação do criador para descida do leite passa pela ação de sucção do bezerro e pela ação da(s) mão(s). Cada uma dessas ações se ordena por processos perceptivos e emocionais. São por meio deles que habilidades (humana e animal) de ordem individual e conjunta se tecem, sobretudo, por uma relação de confiança entre criador-vaca. Sendo essa dimensão relacional (criador-vaca-bezerro-cordas) que estabelece a habilidade do criador por um campo de atenção às ações das vacas pela memória-afetiva que eles desenvolvem, a partir do convívio com elas, de suas personalidades, temperamentos e emoções.

Ordenha: um campo de atenção pelos processos perceptivos envolvidos

Tim Ingold (2015), ao revisar a literatura antropológica em torno da cultura material, observa que o foco da disciplina se concentrou na materialidade dos objetos, pouco explorando os materiais e suas propriedades. O autor nos sugere, para compreendermos a interação humana com o mundo de materiais, uma ontologia centrada nos processos de formações ao invés da forma, em que o mundo não se classifica pela oposição entre sujeitos e objetos, pela agência humana agir sobre o segundo.

Para Ingold (2015), ao envolver-se com as propriedades dos materiais e em seus processos de formação é possível percebermos que eles são ativos e que não podem ser reduzidos à matéria morta ou inerte. Com base nesse pressuposto, o autor constrói seus fundamentos de *skill*, um campo de percepção e ação que se instaura no gesto.

A noção de *skill* em Ingold tem inspirado trabalhos que buscam retratar o campo de relações que se cria no engajamento prático com os materiais (que também podem ser animais). Sendo esse engajamento e o que ele instaura – a sinergia pela percepção e ação – o fundamento da habilidade.

Carlos Sautchuck (2015), inspirado na noção de *skill* de Ingold, de individualização de Simondon e ritmo e técnica de Leroi-Gourhan, propõe pensar os processos de aprendizagens humanas pelo campo de relações que transcende o humano, o que nos permite compreender o papel e a dinâmica da habilidade.

Pesquisadores da área de zootecnia ao descreverem o sistema manual de ordenha enfatizam sobre como o comportamento do criador, a sucção e contato corporal do bezerro com a vaca estimulam a descida do leite (ROSA ET AL., 2009). Em outro manual, a descida e retenção do leite residual são explicadas pelo funcionamento da glândula mamária através da liberação de hormônio ocitocina na corrente sanguínea. A presença do bezerro e o modo como o ordenhador conduz a ordenha tem implicações diretas em sua inibição ou liberação (SENAR, 2009).

Seguindo as noções de *skill* de Ingold (2015) e aprendizagem de Sautchuk (2015), considerando também os sentidos (visual, sonoro, olfativo e tátil) e emoções dos animais, descreverei a habilidade pelos processos perceptivos envolvidos na contenção com as cordas. Como os animais, diante de suas reações (física e emocional), criam uma dinâmica na ordenha, desenvolvem habilidades e estabelecem um campo de atenção dos criadores por reações, temperamentos particulares e o ritmo de sua movimentação corporal. Características estas que influem diretamente na produção e extração do leite, e no (des)equilíbrio corporal do criador.

Como nos faz pensar Ingold (2015) e Sautchuk (2015), as habilidades se constroem no engajamento prático e nos processos perceptivos envolvidos. Um campo de percepção, semelhante ao que Ingold (1993) descreve pelo uso do laço entre pastores de renas, que exige uma habilidade atlética, de rápida coordenação de percepção visual e movimento corporal, pois está em constante mudança. Uma percepção que se constrói, sobretudo, por uma dimensão relacional, passando pelas emoções, habilidades, personalidade, temperamento e vínculo afetivo de cada vaca com seu bezerro.

Eu concebo a ordenha pelas relações que se constituem para produzir e extrair o leite. Ao seguir por esse percurso, e não me concentrando apenas no produto derivado (leite), é possível perceber que a habilidade dos criadores se tece junto à habilidade (e emoções) dos animais pelos processos de amansamento com o uso das cordas.

A coordenação corporal (humana e animal) é, certamente, o ponto central e se estabelece pela percepção visual, sonora e tátil, de ambos. A contenção cria uma composição em que a movimentação do bezerro será sentida pela vaca, podendo provocar movimento dela, que, por sua vez, será sentida pelo criador, e poderá desequilibrá-lo, caindo ou derrubando o balde com leite ao chão. A atenção aos movimentos corporais dos animais durante a ordenha, tanto da vaca que está sendo ordenhada,

quanto dos bezerros e vacas que circulam dentro e fora do curral, é crucial para garantir a preservação do leite (no balde ou no úbere).

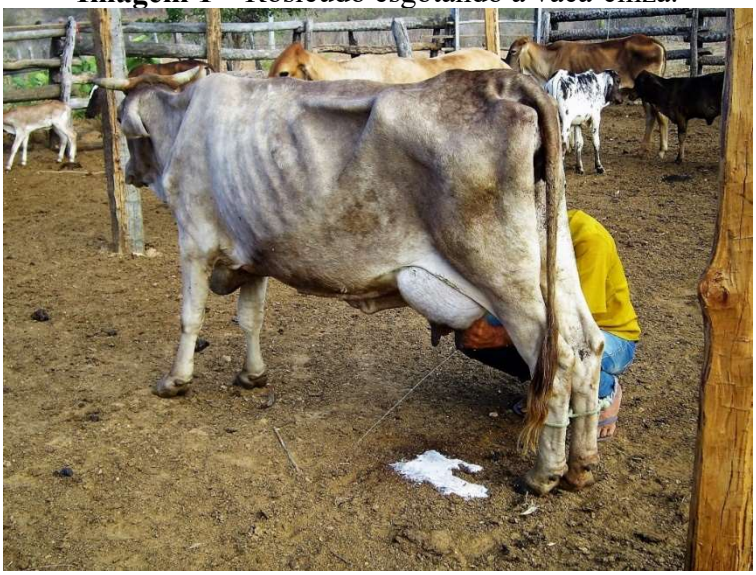
Dessa forma, a percepção do criador não se dá apenas na execução de seu gesto e dos processos perceptivos junto à vaca que está sendo ordenhada, mas também na movimentação dos demais animais, pois a(s) vaca(s) poderão amamentar o(s) bezerro(s) que estão do lado de fora do curral. O campo de atenção (e sua tensão) está no leite [para reter ou extrair do úbere da vaca].

Assim, a percepção e ação adquirem uma ordem relacional pelos processos perceptivos envolvidos na execução do gesto e pelo conhecimento da personalidade e temperamento de cada vaca. Um campo de atenção do criador cujo reconhecimento das emoções e processos comunicativos entre/e com os animais é crucial. Essa memória-afetiva institui um quadro de previsibilidades das ações da vaca que está sendo ordenhada, e todas as demais, e, seu(s) respectivo(s) bezerro(s), que aguardam ansiosos pela sucção do leite.

A escolha técnica dos criadores de utilizar os bezerros para a descida do leite tem um desafio cotidiano de permitir o encontro com a vaca apenas no instante da ordenha. A arquitetura espacial rural paraibana, marcada por cercas de arame farpado ou por varas, é um elemento chave para pensarmos em torno das ações dos animais movidos pelo afeto e desejo de amamentar e ser amamentado.

Após o nascimento, o bezerro permanece junto à mãe durante o dia no pasto e à noite no curral ou pátio. Todo o leite no úbere da vaca é para o recém-nascido, um volume superior ao seu consumo, sendo esvaziado pelas mãos dos criadores para impedir o desenvolvimento de patologias intramamárias, prática que eles denominam e*sgotar*, lançando-o fora ou ofertando aos porcos (*cf.* foto 1).

Imagem 1 – Rosieudo esgotando a vaca-cinza.



Fonte: Foto da autora. Sítio Palha Amarela, 2018.

Essa fase de interdição para comercialização do leite é ocasionada pela norma de critério de acidez da empresa láctea compradora.

Geralmente, o leite das vacas recém-paridas alcança índices acima do estabelecido, um período que pode atingir uma a duas semanas. No núcleo familiar, as esposas dos criadores também rejeitam consumi-lo, devido ao cheiro mais marcante e coloração mais acentuada.

Quando o leite atinge o índice de acidez até 25%, tornando-se apto para comercialização, o convívio entre vaca e bezerro sofre algumas interdições, com o objetivo de reter o leite no úbere da vaca até o instante da ordenha. A primeira medida será agrupar os animais em diferentes cercados no período noturno, mantendo o convívio entre eles durante o dia, com um horário determinado. Após alguns dias, geralmente dois meses, o contato entre vaca e bezerro será apenas dentro do curral no instante da ordenha.

Com o intuito de *guardar/reter* o leite no úbere da vaca, os bezerros passam a se relacionarem com as cercas. São essas divisas, e o uso das cordas, que proporcionam separar as vacas dos bezerros, diminuindo, mas não inibindo completamente, o esvaziamento do úbere das vacas pelos filhotes, que, por diversas ocasiões, pulam (à noite ou durante a ordenha) as cercas de arame farpado.

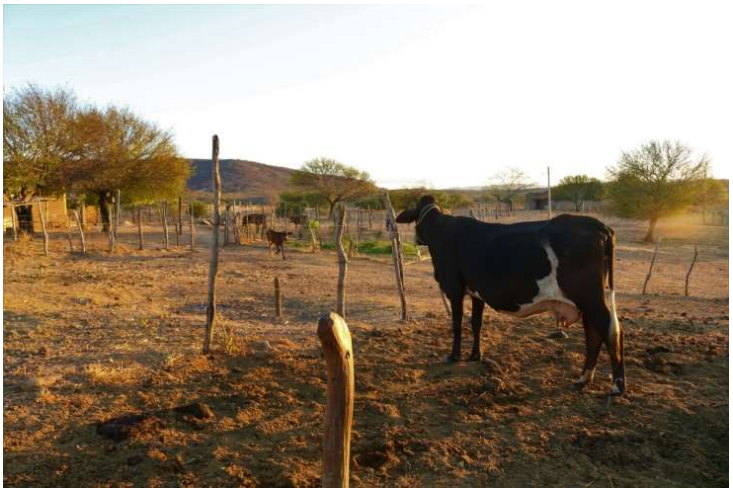
As cercas que são confeccionadas com varas sofrem investidas frequentes da(s) vaca(s), empurrando-as com a cabeça, para folgá-las e alargar seu espaçamento, possibilitando que o bezerro, ao esticar a cabeça, alcance suas tetas. Essa ação é praticada quando os criadores não estão entre elas, pois eles a repreendem com gritos e batidas na garupa [parte traseira da vaca], o que as fazem temê-los e ordenar suas ações pelas ações deles.

Quando o bezerro entra no curral, corre imediatamente em direção às *tetas* (*cf.* mosaico com sequência de fotos 2). O criador observa se ele mama nas quatro, e quando passa muitos segundos concentrado numa, ele intervém com as mãos puxando o filhote pela corda atrelada ao *cabrecho* (cabresto), uma amarra confeccionada com corda e colocada na cabeça. Nessa fase, os animais são bem mais ágeis e velozes que os criadores, eles são agarrados e contidos pelo apoio que confere às mãos.

Imagem 2.1 – O criador Luiz vai ao encontro do bezerro. A vaca mantém seu olhar na direção deles.

Fonte: Foto da autora.

Imagem 2.2 – Quando Luiz abre o cercado, o bezerro corre e muge.



Fonte: Foto da autora.

Imagem 2.3 – Mosaico de fotografias encontro entre vaca e bezerro durante a ordenha

Fonte: Foto da autora.

Imagem 2.4 – Mosaico de fotografias encontro entre vaca e bezerro durante a ordenha

Fonte: Foto da autora. Sítio Palha Amarela, 2018

Imagem 2.5 – Mosaico de fotografias encontro entre vaca e bezerro durante a ordenha

Fonte: Foto da autora. Sítio Palha Amarela, 2018

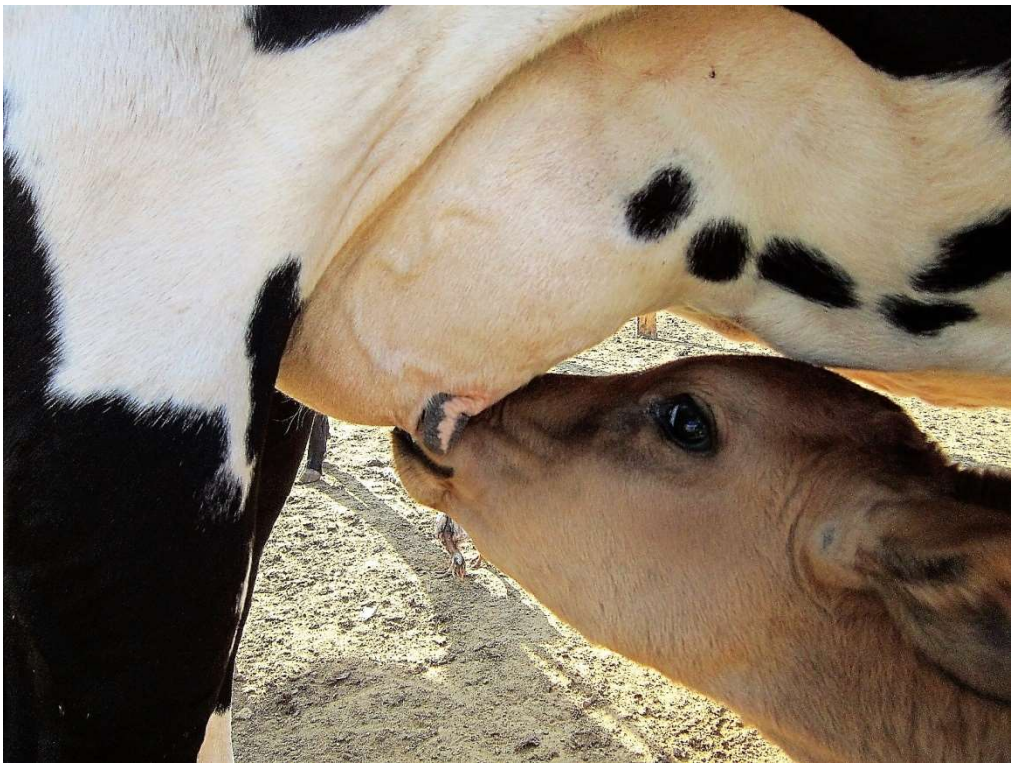
Imagem 2.6 – Mosaico de fotografias encontro entre vaca e bezerro durante a ordenha

Fonte: Foto da autora. Sítio Palha Amarela, 2018

Imagem 2.7 – Após a chegada do bezerro, ambos caminham, um pela lateral interna, outro pela lateral externa do curral, a espera de Luiz para abrir o cercado. Ao entrar, bezerro corre para as tetas.

Fonte: Foto da autora. Sítio Palha Amarela, 2018

Imagem 3.1 - Com a sucção do bezerro ocorre a primeira descida do leite.



Fonte: Foto da autora. Sítio Palha Amarela, 2018.

Imagem 3.2 - Com os gestos, instituindo um ritmo de movimentos das mãos, o leite continua descendo do úbere a ponta das tetas.

Fonte: Foto da autora. Sítio Palha Amarela, 2018.

Após a sucção do bezerro, as *tetas* adquirem uma aparência rígida. Isto significa que o leite desceu e o bezerro deve ser *arriado*, pela corda presa ao *cabrecho*, na pata direita dianteira da mãe, permanecendo unido a ela até o final da ordenha. Por um lado, essa junção corporal faz com que, diante do vínculo entre mãe e filhote, a descida do leite, pela manipulação das tetas com as mãos, permaneça fluída. Mas, por outro, unir os corpos faz com que a vaca sinta (e se mova) com os movimentos corporais de seu bezerro.

Os criadores, mediante o conhecimento que vão adquirindo ao longo da convivência com os animais, desenvolvem uma percepção de previsibilidade da movimentação corporal dos animais, o que lhes permite manter seu próprio corpo em estado de atenção para alinhar seus movimentos aos dos animais.

Esse campo de tensão, por unir os movimentos dos corpos, também é sentido pelos animais. Há situações em que a vaca, ao invés de sentir-se relaxada pelo contato corporal com o bezerro, fica estressada com a movimentação do filhote e passa a se mover constantemente. Sua reação dificulta o trabalho do criador e diminui a sua produtividade. Diante de casos como este os criadores passaram a arriar os bezerros em estacas do curral, posicionado a vaca frontalmente. Mantendo, assim, vaca e bezerro próximos para estimular a descida do leite, sem, contudo, unir seus movimentos corporais.

Após a contenção do bezerro, o criador passa a corda entre as duas patas traseiras da vaca (*peia*) numa angulação que permita a movimentação da vaca. Não pode estar muito frouxa, para que o animal não se locomova com passadas largas, mas não pode ser excessivamente curta, pois ao agitar-se ela corre o risco de cair.

Depois de *arriar* e *piar,* o criador passa a manipular as *tetas* da vaca (*cf.* foto 5). Contudo, as *mães de primeira viagem (novilhas)*, ou as que perdem o filhote poucos dias após o nascimento, tem a cabeça contida a uma árvore ou estaca no curral por uma corda provisória integrada ao *cabrecho*. Após algumas gestações, a depender do comportamento da vaca, a amarra na cabeça é descartada.

Devido às características de movimentação e reações dos animais, cada uma dessas amarras (*peia*; *arreio;* cabeça) são finalizadas com uma *laçada*. Um tipo de laço que rapidamente se desfaz ao ser puxado pelo criador, pois caso uma vaca comece a caminhar muito para trás, se assuste ou se agite, incorrendo no risco de cair, ele a pode liberar rapidamente, ou ainda, para soltar depressa o bezerro quando a ordenha é finalizada executando seu trabalho num menor espaço de tempo.

Piar as patas tem como objetivo a prevenção de coices, pois diminui a movimentação da vaca para trás. A contenção pela cabeça compromete a movimentação da vaca em todos os ângulos (frente/trás; direita/esquerda). Tais ações das vacas passam a serem esperadas devido aos novos toques sobre as *tetas*, muitas vezes com processos inflamatórios no úbere, sobretudo, nos primeiros dias pós-parição. A decisão dos criadores para prevalência de cada uma dessas amarras se dá pela ação individual das vacas. Num mesmo rebanho, a contenção terá variações: algumas vacas sequer serão *piadas*, pois sua reação diante

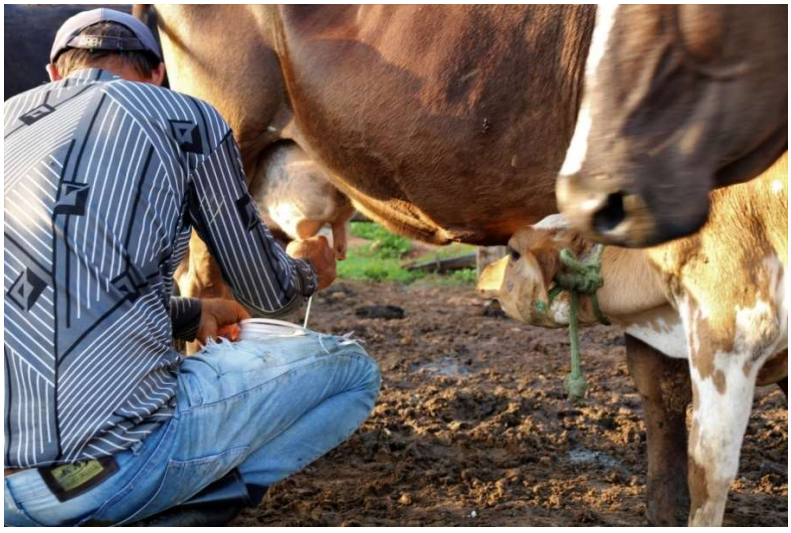
dessas amarras, retendo o leite e movendo-se de forma brusca, ações que colocam em risco sua saúde física e interferem na descida do leite, faz com que alguns criadores prefiram correr o risco de coices para deixá-las confortáveis neste instante.

Com a *peia*, não é que o filhote deixará de se mover, mas sua movimentação terá outra amplitude e o impedirá de alcançar as tetas. Ao mantê-lo próximo á mãe, a vaca se acalma e troca carícias durante a ordenha, o que não inibe o *sentido no leite* (desejo de mamar), fazendo-o mover-se frequentemente para alcançar as *tetas* (*cf*. sequência de fotos 4). Sua movimentação corporal chega muitas vezes a inquietar a mãe, que, consequentemente, passa a movimentar o corpo para trás, dificultando o trabalho do criador, que está posicionado de cócoras, e, a seus passos, pode cair ou derrubar o balde com leite.

Imagem 4.1 – Vaca e bezerra me observavam enquanto me aproximo para fotografá-las.

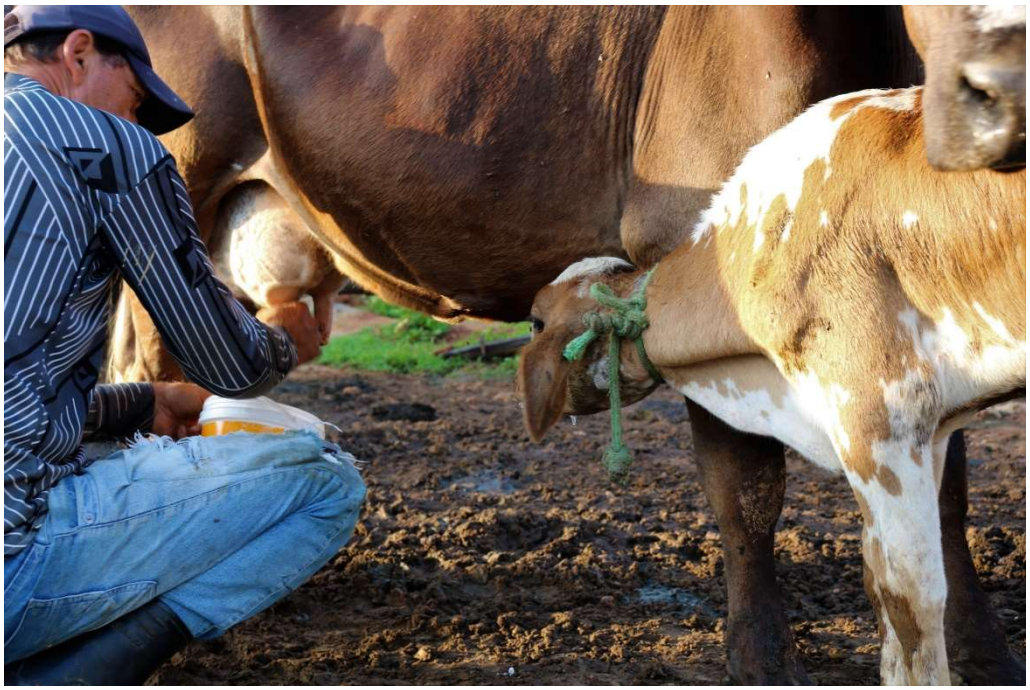
Fonte: Fotos da autora

Imagem 4.2 – Mosaico de fotografias movimentação corporal vaca-criador-bezerro durante a ordenha.



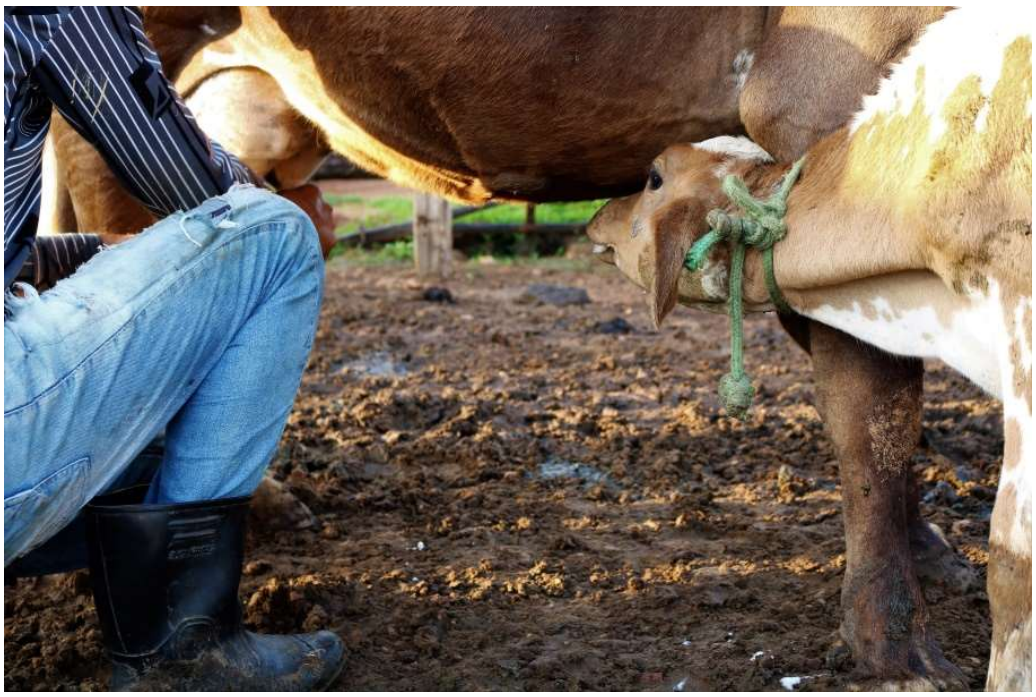
Fonte: Fotos da autora

Imagem 4.3 – A bezerra movimentava o pescoço e corpo lateralmente em busca de alcançar as tetas. Ela parou de se mover quando Rosieudo passou a fixar o seu olhar nos olhos dela.



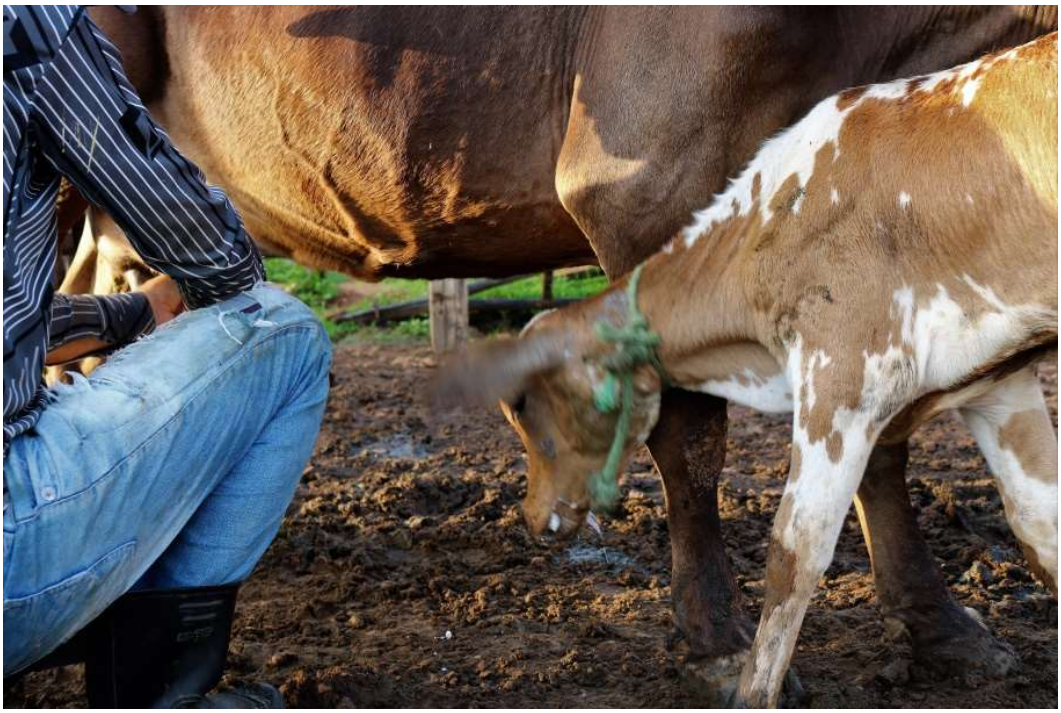
Fonte: Fotos da autora

Imagem 4.4 – Após a repreensão, a bezerra parou de se movimentar e passou a frequentemente observar Rosieudo.



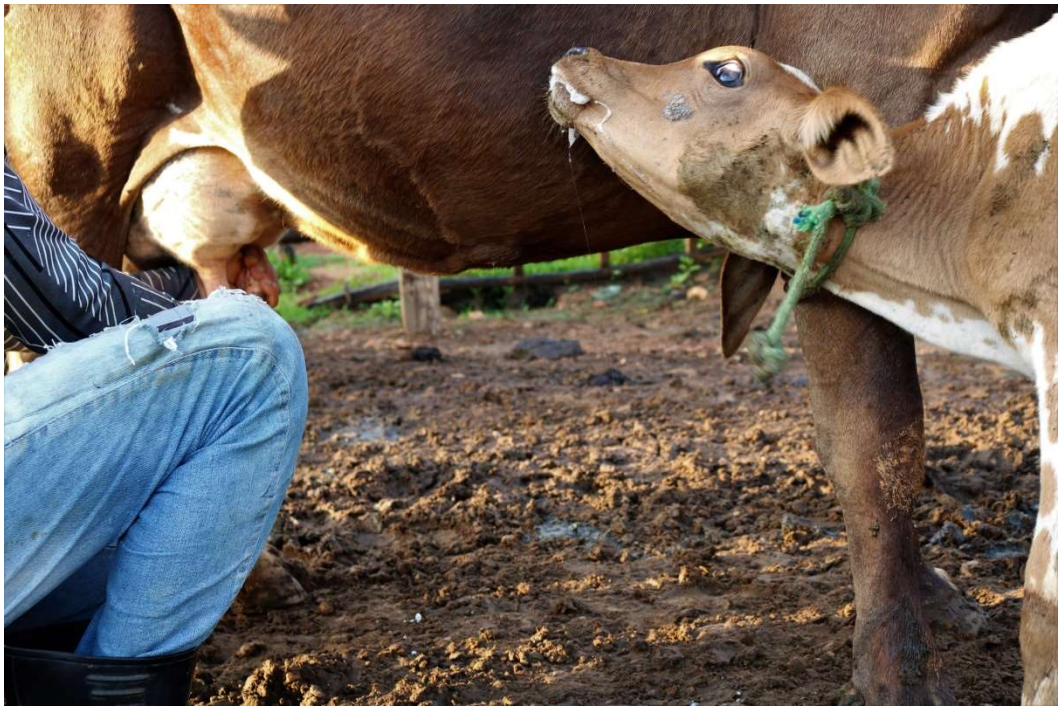
Fonte: Fotos da autora

Imagem 4.5 – Visualmente ele parecia não se importar mais com a bezerra. Seu olhar estava concentrado nas tetas. Seu gesto corporal faz com que a bezerra ganhe confiança, voltando a se mover. Desta vez, com uma frequência mais intensa.



Fonte: Fotos da autora

Imagem 4.6 – Rosieudo olha para a bezerra, fala em voz alta e bate com a bota abaixo da orelha dela. Deste momento em diante, nenhum movimento brusco é realizado pela bezerra.



Fonte: Fotos da autora

A variação da movimentação corporal do(s) bezerro(s) unido(s) à mãe também nos ensina sobre o florescimento de sua habilidade perceptiva sonora, que apesar de não estar bem desenvolvida, o fará reconhecer, após alguns dias com o *arreio*, o instante exato quando o criador o liberará para a segunda mamada, ao final da ordenha.

Ao acompanhar por meses o nascimento e crescimento de bezerros, observei que alguns deles alternavam seu comportamento à medida que os meses se passavam. No primeiro mês, mantendo-se agitado durante todos os minutos que o criador extraia o leite da vaca. Era bastante comum o criador parar em alguns momentos, falar com o bezerro, falar com a vaca, rever a amarra da corda e coordenar seus movimentos corporais quando a vaca se movia, devido à movimentação do bezerro.

No segundo mês, o bezerro continuava se movimentando com bastante frequência, o nível de agitação se concentrava nos minutos iniciais e, da metade do tempo em diante, ele pouco se movia. Já no terceiro mês, a maior frequência de movimentação era concentrada no finalzinho, segundos precisos do instante que o criador o liberava para a segunda mamada.

Essa observação me deixou bastante curiosa, e ao compartilhá-la com o criador Rosieudo, ele me disse que a explicação era simples, a movimentação do bezerro no instante preciso indicava que ele *sabia* que seria liberado para voltar a mamar. Uma habilidade adquirida pelo bezerro ao observar seus gestos e movimentação corporal enquanto extraía o leite da vaca.

A sua explicação, a meu ver, é apenas parte dessa dimensão perceptiva. Algo que eu também aprendi com Rosieudo e suas vacas, e com as filmagens diárias que realizava da ordenha, refere-se à habilidade sonora delas, que reconheciam a minha presença simplesmente pelo som de minha passada. Durante a ordenha, as vacas estavam sempre atentas aos sons ecoados dentro e fora do curral. Elas reconheciam quando Rosieudo se ausentava para preparar a ração, diante dos sons da água e do movimento das mãos no balde misturando os componentes (água, farelo de milho e torta de algodão).

A sonoridade e percepção tátil das cordas para o recém-nascido é sentida e percebida, sobretudo, pelo *sentido no leite*. Inicialmente, todos os seus movimentos se concentram em alcançar as tetas, movendo-se lateralmente e esticando a cabeça. Como ele não tem êxito, aos poucos percebe que voltará a mamar quando for solto. A partir daí, a sua atenção é dedicada a este momento. Revendo as filmagens, os sons se tornam muito evidentes, o fluxo do leite, que se altera no início, metade e fim de sua extração, ao sair das *tetas* e cair no balde, ecoa sonoridades distintas. É muito possível, e eu aposto nisso, que o(s) bezerro(s) reconhece(m) pelo som mais suave, ao final do fluxo do leite e, pelo gesto do criador, quando será liberado das amarras.

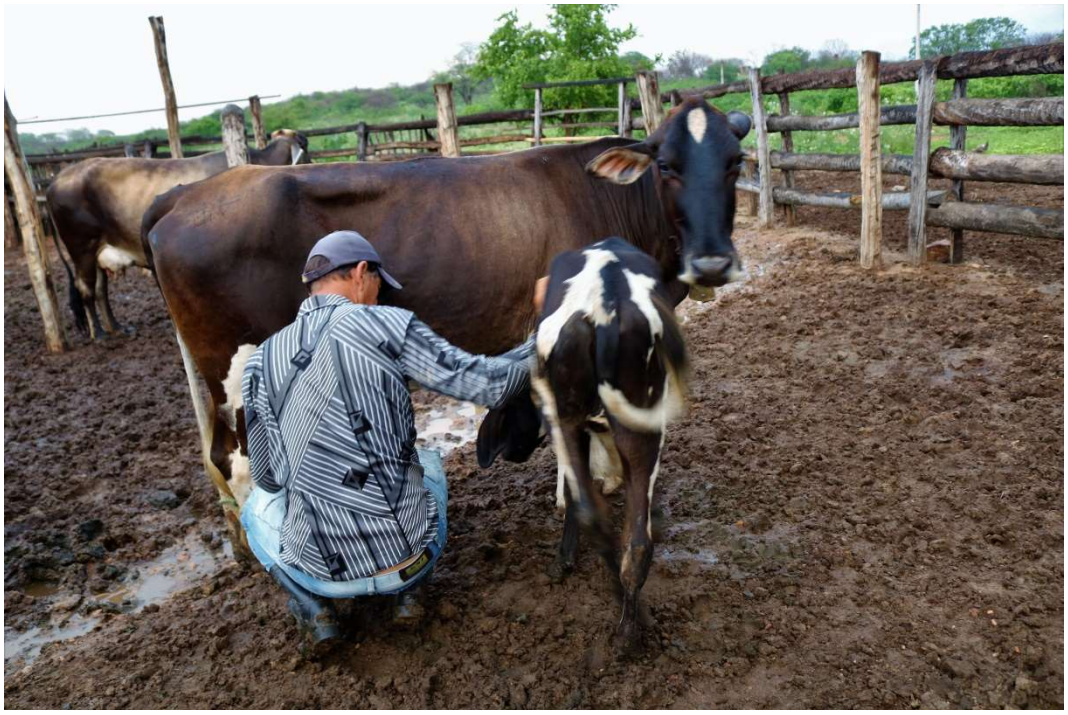
O fluxo do leite também orienta o criador a parar de manipular as *tetas*. Com o toque da(s) mão(s) é possível sentir pela descida do leite o nível de esvaziamento do úbere. Saber o quanto ainda resta de leite no úbere não é um critério para buscar esvaziá-lo por completo. Os criadores

dizem que as vacas escondem parte dele para a segunda mamada. Esse conhecimento é importante para saber o quanto a vaca está retendo para a segunda sucção do bezerro e parar de manipular as *tetas* apenas quando alcança esse limite. E é sobre essa dimensão do sentir pelo toque da(s) mão(s) que iremos falar no tópico seguinte. Um processo de individualização, em que o ritmo dos movimentos da(s) mão(s) vai se instituindo por uma relação de confiança pelo sentir junto.

Ao falar das cordas eu queria evidenciar as habilidades pelos processos perceptivos e emocionais, como estes circunscrevem um campo de atenção do criador à(s) personalidade(s), emoção(ções) e movimentação(ções) corporal(is) de cada animal. A sua habilidade consiste não apenas em esvaziar, bem como em reter o leite no úbere das vacas até a execução de seus gestos. Ao iniciar a manipulação, a extração passa a ser um movimento conjunto, a vaca também precisa liberar seu leite, agora, não somente pela relação e contato físico com o bezerro, mas também pelo relacionamento com o criador.

Ordenha: uma relação de confiança pelo sentir junto

Imagem 5 – Rosieudo empurrando bezerro *arriado* da vaca-folha-manga. O olhar e movimentação das orelhas da vaca em minha direção indicam a sua percepção e desconforto com a minha presença.



Fonte: Foto da autora. Sítio Palha Amarela, 2018.

No período que eu negociava com os criadores a minha primeira incursão em campo, eles pareciam, diferentemente de suas esposas, não estar muito entusiasmados em terem a minha companhia durante a ordenha. As suas respostas eram unânimes: *As vacas precisam se*

acostumar com você! Eles temiam (e tinham razão!) que a minha presença provocasse agitação e retenção de leite.

As quatro primeiras semanas que segui seu João até o curral, ele não me deu permissão para entrar. Fiquei do lado de fora da cerca, sendo repreendida muitas vezes para conversar num tom de voz mais baixo. Os olhares das vacas estavam intensamente fixos em mim, observando cada um dos meus movimentos. Uma ação que tencionava meu estado emocional, ocasionando um sentimento de medo e angústia, por não ter ideia alguma do que aquilo significava.

Quando seu João me convidou a entrar no curral, para que eu o filmasse, da minha entrada à minha saída, ele me dizia onde ficar e me advertia, caso me deslocasse um pouco mais em sua direção. Eu já havia modificado a intensidade de minha voz enquanto estava nesse ambiente. Ao final da ordenha, os animais eram conduzidos ao pasto. Nesta atividade, desde o início, eu sempre pude acompanhá-lo, caminhando ao seu lado, atrás do rebanho. Durante essa ocasião nós conversávamos sem nos preocuparmos com o nosso tom de voz, era possível mesmo dar algumas gargalhadas diante das histórias que ele me contava.

Durante a tarde, os animais regressavam sozinhos para casa. Um vizinho, ao *buscar* o gado do proprietário com quem trabalhava, aproveitava o percurso e abria a porteira do cercado que pastava os animais de seu João. Ao som do chamamento, os animais reconheciam o criador e identificavam que havia chegado o instante de retornarem para casa.

Com o som dos mugidos ainda distantes e de vários animais, eu ouvia seu João dizer: meu gado está chegando. Com poucos minutos depois, os animais paravam em frente ao corredor, um ambiente que fora nomeado desta forma pelo seu espaçamento estreito, com cercas de vara na lateral direita e esquerda dividindo as duas propriedades. No centro, a cerca, chamada de colchete, era móvel e podia ser aberta e fechada como uma porteira.

Quando os animais chegavam, era preciso abrir o colchete para que ultrapassassem o corredor e tivessem acesso à estrada que interligava a propriedade de seu João. E nessa ocasião, mais uma vez, a reação dos animais provocava interdição à minha permanência e distanciamento espacial entre eles. À medida que se negavam a seguir caminho, mantendo-se imóveis e me observando fixamente, seu João me orientava em torno de um distanciamento espacial, e, como os animais continuavam parados, eu precisava me retirar do ambiente.

O olhar, deslocamento e fuga dos animais indicavam seu estado emocional e sua correlação com a liberação (ou inibição) da ocitocina ou cortisol (hormônio do estresse). Suas reações revelavam a percepção (visual, sonora e olfativa) que eles tinham da minha presença, e que a percebiam como uma ameaça.

A minha conversa com seu João, em tom de voz aguda durante a ordenha, fazia referência à agitação e ao medo que sonoridades graves, movimentos corporais bruscos e gritos podem ocasionar e interferir na descida do leite. Preocupação esta que ganha outras inferências em atividades corriqueiras, como a condução ao pasto, em que o

relaxamento das vacas não tem implicações com a liberação ou retenção do leite, e sim a relação de confiança com o criador. Um relacionamento, no qual, o sentimento de temor (humano e animal) tem um papel importante para o estabelecimento da dinâmica de trabalho. O tom de voz aguda (ou mesmo gritos) é utilizado pelos criadores para que os animais se movam mais rapidamente ou voltem a seguir a direção do rebanho quando um deles se desvia da rota.

A sonoridade, portanto, é um canal de comunicação que passa pelas emoções. Os animais reconhecem o criador pela voz (e seu tom) e identificam quais ações são esperadas por ele. Uma percepção auditiva que, igualmente, passa pela habilidade humana em reconhecer cada animal pelo seu mugido e alternâncias na frequência, aprendendo sobre as suas emoções e comunicação estabelecida através dele (entre os animais e com o criador).

Ao longo das semanas, seu João e seus animais me ensinaram como caminhar, como olhar, como falar (e ouvir) e como movimentar meu corpo em diferentes situações, pois o modo como os criadores alinham seus movimentos corporais, seu olhar e tom de voz tem relação direta com os processos perceptivos e emocionais dos animais, que se particularizam pela personalidade e temperamento individual de cada um.

Naquele momento eu compreendi porque seu João foi me inserindo aos poucos no mesmo ambiente que os animais, e em que consistia aquilo que ele, e os demais criadores, denominavam pelo verbo *acostumar.* Uma ação que se tece conjuntamente, por processos de aprendizagens em que humanos e animais aprendem e ensinam um ao outro (DESPRET e MEURET, 2016). Uma transmissão de conhecimentos, como defende Ingold (2010), que não é inata e não passa somente pelo criador, pois vai se desenvolvendo junto aos animais, pela percepção visual, olfativa e sonora. Percepções estas que circunscrevem um relacionamento de confiança, mobilizando criadores e animais a coordenarem (e reconhecerem) suas ações quando estão juntos.

À medida que fui conhecendo e alinhando minhas ações, minha presença não era percebida pelos animais como intimidação. Eles não mais fugiam quando eu me aproximava e, com isso, eu conseguia desenvolver todas as atividades, exceto *tirar leite*. Prática que eu desejava muito aprender e que havia declarado a seu João, mas ele parecia não ter muito interesse no assunto. Eu não entendia sua reação, pois se eu já havia desenvolvido um campo de atenção em que coordenava as minhas ações às dos animais, por reconhecer suas emoções e organização social, o que estabelecia uma relação de confiança entre nós, por não concebermos um ao outro enquanto ameaça (e provocar retenção do leite), qual o sentido de sua recusa?

Eu voltei várias vezes ao assunto com seu João, mas ele ficava apenas em silêncio. Até que um dia ele me convidou para tocar nas *tetas* da sua vaca preferida, que eu chamava de vaca-marrom, a mais dócil de seu rebanho. Ele apenas me disse para apertá-las de cima para baixo, e, como nenhuma gota de leite foi extraída, daquele momento em diante ele me fez entender que eu não aprenderia. A questão deu-se como encerrada.

Passado alguns meses, quando eu frequentava o curral de Rosieudo, voltei a falar do meu interesse. Assim como seu João, ele permaneceu em silêncio, observando o meu relacionamento com a(s) vaca(s), até decidir me iniciar nessa técnica. Para isso, ele escolheu uma vaca que não *estranhava* ninguém [tirando leite]. Ela não tinha nome, mas eu a nomeei como vaca-folha-manga, devido à mancha branca em sua cabeça de coloração preta amarronzada, que me fazia pensar na folha de uma mangueira.

Ele fez todo o ritual, *arriou* o bezerro na pata direita dianteira, *piou* as patas traseiras da vaca e manteve a descida do leite com os movimentos de suas mãos e, quando estava prestes a finalizar, com um pouco de leite ainda no úbere, me convidou a tocar as *tetas*. Alguns minutos apertando-as, por segundos, escorreu um fio fino de leite, que não chegou a 100 ml, e que ele, ao retomar a ordenha, extraiu em torno de 1 litro.

Ao passar duas semanas, fui modificando minha interpretação da técnica. Se, antes, eu a pensava como movimentos aleatórios e repetitivos das mãos de cima para baixo, naquela ocasião eu estava convencida que havia algum segredo para impulsionar a descida do leite. Convicta dessa perspectiva, com o desejo ardente de encontrar respostas pela minha percepção visual, eu observava meticulosamente o gesto de Rosieudo, quando ele o executava, e como nada via, passei a revisá-lo pelas filmagens, mas nada encontrava. Também busquei respostas compartilhando as minhas inquietações com ele, mas a única coisa que ouvia eram risos. Aprender parecia ser apenas uma questão de tempo, em que os movimentos se alinhavam com o fazer.

Num desses momentos, em que ele descontraidamente conversava comigo enquanto executava a ordenha, eu observei a curvatura do dedo indicador dele quando iniciava o movimento das mãos na parte superior das *tetas (cf.* foto 6). Imediatamente eu o comuniquei sobre a descoberta de seu segredo, e ele sorriu. Com esse "achado" voltei às imagens em câmera lenta, e lá também observei essa curvatura, e, uma sequência da movimentação dos demais dedos ao fechar e abrir as mãos.

Imagem 6.1 – Posição dedo indicador e pressão nas *tetas*.

Fonte: Fotos da autora.

Imagem 6.2 – Posição dedo indicador e pressão nas *tetas*.

Fonte: Fotos da autora.

Eu esperava que ao tomar conhecimento, reproduzindo essa sequência operatória do movimento dos dedos, eu extrairia o leite das *tetas* numa proporção semelhante à de Rosieudo. Mais uma vez, eu estava enganada. É verdade que as alterações no gesto geraram uma maior pressão na parte inferior do úbere, me fazendo, consequentemente, aumentar um pouco o volume de sucção, chegando a 500 ml, no máximo. Mas, à medida que o tempo avançava, e Rosieudo continuava extraindo o leite das *tetas*, quando eu já havia finalizado, tinha algo de errado. Ele tentava me alertar em como corrigir meus movimentos, manipulando as *tetas* da vaca-folha-manga, dizendo-me: É assim!

Minha percepção visual não alcançava a informação que ele tentava me repassar do gesto, pois mesmo eu o observando por meses, filmando e repassando inúmeras vezes e em câmera lenta, a única coisa que meus olhos viam era o ritmo do gesto e uma sequência operatória dos dedos. Até que um dia, Rosieudo, que corriqueiramente me observava, disse: Falta força [no gesto], você não vê como os bezerros puxam [as tetas] e batem com a cabeça no úbere?

Graças a esta observação, aliada à minha experiência vivenciada com a vaca-folha-manga, muito tempo depois, eu pude refletir sobre uma

relação de confiança que se tece pelo sentir junto. O que Rosieudo me alertava era muito semelhante ao que Ingold (2010) define como *educação da atenção*, um campo de atenção que vai se constituindo pelo olhar, ouvir e sentir junto à vaca-folha-manga, o que só vim a compreender meses depois.

A vaca reconhecia o criador pela sensação tátil do ritmo construído pela sequência dos movimentos da(s) mão(s). Quando o criador passava a sentir o fluxo do leite escorrendo internamente, enquanto manipulava as *tetas*, essa percepção o conduzia à proporção de força a ser aplicada. Algo que também estava vinculado ao conhecimento que ele tinha da personalidade da vaca, seus sinais corporais e sonoros de desconforto, inquietação ou estresse, e que o fazia alinhar seus movimentos.

A negativa de seu João e o modo como Rosieudo me inseriu na prática de *tirar leite*, sem que eu *arriasse*, *piasse* e fizesse a extração do leite desde o início, revelava que para executar qualquer uma dessas ações era necessário, aos poucos, conhecer os animais individualmente, pelos seus hábitos, personalidade e temperamento, estabelecendo uma relação íntima e de simbiose com eles, como menciona Evans-Pritchard [1940] (2015) em torno da relação dos Nuer com seu gado. Esse conhecimento era fundamental para conviver com os animais e aprender em torno de suas emoções e os processos perceptivos envolvidos com o uso da corda e com a manipulação das *tetas.* Aprendizagens estas que ocorriam por etapas e que reconfiguravam a relação de confiança estabelecida entre vaca-criador.

Os criadores foram iniciados ainda crianças, acompanhando o pai. Suas primeiras tarefas estavam correlacionadas aos cuidados com os bezerros: conduzi-los ao pasto e amansá-los (com cordas e carícias). Esses animais, como as crianças, estão desenvolvendo sua percepção visual, sonora, olfativa e corporal. Juntos aprendem sobre esses processos perceptivos e a *ter amor* [sentir prazer em estar junto deles]. Diante da observação do pai, do aperfeiçoamento do campo de atenção da criança, ela é gradativamente inserida em novas práticas – *tirar leite* é a última delas.

O campo de atenção na ordenha é o mais complexo de todas as atividades, sobretudo pela relação de confiança e intimidade com cada vaca do rebanho leiteiro. É fundamental desenvolver uma habilidade de perceber (e sentir) as emoções pela movimentação corporal e sonora, tecendo um campo de atenção por uma memória-afetiva de reconhecimento e previsibilidades das ações, em que o ver e ouvir vão se construindo pelo sentir.

A percepção sensorial do sentir faz menção à capacidade de (vaca e criador) reconhecer e ser reconhecido pelas emoções que dissipam por meio dos movimentos corporais, olhares, fala e mugidos. Um campo relacional que permite estabelecer um relacionamento de confiança pelo sentir junto. A criança, ou uma neófita como eu, não desenvolveu uma relação íntima, nem perceptiva, a esse ponto.

A aprendizagem do ordenhador, portanto, não se restringe à aquisição de conhecimentos em torno do gesto que provoca a descida do leite, mas ele precisa desenvolver uma relação de confiança com a vaca,

um autocontrole de suas próprias emoções, uma percepção corporal que se ajuste rapidamente aos movimentos dos animais.

A confiança (humana e animal), neste sentido, é um elemento chave para a manipulação dos animais. A sua definição adquire sempre novas configurações, a depender de qual prática e técnica estivermos abordando. Na ordenha, aprender a *tirar leite* é aprender e conviver com as emoções e habilidades dos animais, desenvolver uma percepção para se mover junto aos movimentos dos animais, prevendo parte de suas ações; é executar o gesto e ritmo de seus movimentos pelo fluxo do leite e pela reação física e emocional da vaca.

Todo o meu esforço em descrever o campo de ação e percepção dos animais, interligado às suas emoções, é para evidenciar os limites que o ordenhador vivencia na técnica de *tirar leite*. São esses limites, em que a técnica exige uma contrapartida e uma relação íntima com os animais, que fazem com que os criadores atribuam ao *leite um valor moral e afetivo*. A descida do leite é para os criadores não apenas fruto de sua ação de manipulação das *tetas*, mas a sua liberação ou retenção ocorre por um vínculo afetivo vaca-bezerro e vaca-criador.

O leite é mencionado por Haudricourt [1962] (2013:11) como um valor afetivo e por Evans-Pritchard [1940] (1999) como um valor moral, de obrigatoriedade social em partilhá-lo para alimentar as crianças. Em meu trabalho, o leite cria uma relação moral e afetiva com os animais pelo princípio da *gratidão*. A produção e liberação do leite são compreendidas como uma ação conjunta, dos cuidados dos criadores para as vacas produzirem leite, e da sua liberação pelos conhecimentos dos criadores em manipular as *tetas* e pela relação de confiança pelo sentir junto.

Referências bibliográficas

DESPRET, Vinciane; MEURET, Michel. **Composer avec les mouthons**. Lorsque des brebis apprennent à leurs bergers à leur apprendre. Edição janeiro de 2016, França, Cardère èditeur, 2016.

DESPRET, Vinciane. O que diriam os animais se... Tradução de Cícero de Oliveira. **Caderno de Leituras**, Belo Horizonte, n 45, 2016.

DESPRET, Vinciane. **Why do we say that cows don't do anything?** In: What would animals say if we asked the right questions? Translated by Brett Buchanan. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2016, p. 177-183.

DETURCHE, Jeremy. Fazer leite: sobre técnicas de ordenha e a relação entre vacas e criadores na Alta Sabóia (França) e no Jura Suíço. **Modos de fazer/Ways of making**. Porto: Editora Universidade do Porto. Faculdade de Letras. CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, p. 65-86, 2020.

DETURCHE, Jeremy. A genética do quotidiano: seleção e reprodução na criação de vacas montbéliardes (França). In: SAUTCHUCK, Carlos (coord.). **Técnica e transformação:** perspectivas antropológicas. Rio de Janeiro: ABA Publicações, 2017, p. 379-402.

DI DEUS, Eduardo. Invenção e maquinização no campo: o caso da sangria de seringueiras no interior de São Paulo. In: SAUTCHUCK, Carlos (coord.). **Técnica e transformação:** perspectivas antropológicas. Rio de Janeiro: ABA Publicações, 2017, p. 295-326.

EVANS-PRITCHARD, E.E. **Os Nuer**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999 [1940].

FERRET, Carole. Outils vivants? De la manipulation des animaux. **HAU: jornal of Ethnographic Theory.** Paris: França, 2016.

HAUDRICOURT André-Georges. Domesticação de animais, cultivo de plantas e tratamento do outro. **Série Tradução**, Brasília, v. 1, n° 7, 2011 [1962].

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Piancó,** 2021. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/pianco/panorama. Acesso em: 10/10/2022.

INGOLD, Timothy. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

INGOLD, Timothy. **Estar vivo: ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição**. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

INGOLD, Timothy. The Reindeerman's lasso. In: P. Lemonnier (org) **Technological choices***:* transformation in material cultures since the Neolithic. London: Routledge, 1993, p. 108-125.

MOREIRA, Emília; TARGINO, Ivan. **Capítulos de geografia agrária da Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária, 1996.

MOREIRA, Emília; TARGINO, Ivan. De território de exploração a território de esperança: organização agrária e resistência camponesa no semi-árido paraibano. **Revista NERA**, v.10, n° 10, 2007.

NASCIMENTO, Joelma Batista do. **Refletindo sobre a domesticação:** Afetos e relações de poder entre sujeitos humanos e não humanos no interior da Paraíba. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

NASCIMENTO, Joelma Batista do. Criações de Gado na Paraíba: tecendo a *sobrevivência*, domesticando *afetos*. **Tese** (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

PRADO JUNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PORCHER, Jocelyne; SCHIMITT, Tiphaine. Les vaches collaborent-elles au travail **Revue du MAUSS**, v 1, n. 35, p. 235-261, 2010.

PORCHER, Jocelyne. **Vivre avec les animaux***:* Une Utopie pour le XXI siècle. Paris: La Dècouverte, 2014.

PORCHER, Jocelyne. The work of animals: a challenge for social sciences. **Revista Humanimalia: a journal of human/animal interface studies**, v. 6, n° 1, 2014.

ROSA, Marcelo Simão da; PARANHOS DA COSTA, Mateus J. R.; SANT'ANNA, Aline Cristina; MADUREIRA, Adriana Postos. **Boas práticas de manejo - Ordenha**. Jaboticabal: Funep, 2009.

SAUTCHUK, Carlos Emanuel. Aprendizagem como gênese: prática, skill e individuação. **Horizontes Antropológicos***,* Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 109-139, jul./dez. 2015.

SENAR. **Leite: ordenha manual de Bovinos** / Serviço Nacional de Aprendizagem Rural. Brasil: Edições 5, Brasília, 2016.

STEPANOFF, Charles. Human-animal "joint commitment" in a reindeer herding system. **HAU: jornal of Ethnographic Theory,** v. 2, n° 2, p. 287-312, 2012.

TAKS, Javier. Aproximación antropológica al trabajo humano y vacuno Uruguay en la lechería del Evidencias para una relación de homología. **Revista Uruguaya de Antropología y Etnografía**, v. vi, n°2, 2021.

Recebido em: 05/04/2022 * Aprovado em: 03/11/2022 * Publicado em: 30/12/2022